

Canjele

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 2 - edição 08 - Dezembro de 2017



Festival de Arte Negra - FAN 2017

Brasil sem racismo, uma questão da democracia

por Juca Ferreira

ARTE NEGRA

Africanidade é
questão de estilo!



Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro
é com a Nega Badu!



Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795
www.facebook.com/NÉGA-BADU-503633653106251

Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

As inspiradoras

Desde muito cedo, ainda criança, quanto mais eu olhava as capas das revistas nas bancas, menos eu acreditava que um dia veria uma pessoa negra ali. Era como se fosse algo inalcançável. Na escola, quando me chamavam de apelidos racistas, eu acreditava em tudo que me falavam porque não via ninguém como eu em lugar nenhum de destaque. Queria clarear a pele e alisar os cabelos para estudar em paz.

Durante o ano de 2017, as capas da Revista Canjerê trouxeram gente que se parece comigo. Fato considerado importante e ao mesmo tempo instigante: será que veremos pessoas negras com certa frequência em capas de revistas somente quando a linha editorial tiver o recorte racial?

A capa dessa edição destaca a importância do FAN - Festival de Arte Negra que se realiza em Belo Horizonte há mais de vinte anos. Com o tema Mulher, o festival ressaltou o protagonismo das mulheres negras.

Ao lembrarmos o histórico de 300 anos da escravidão no Brasil, e o lugar que a mulher negra ocupa na base da pirâmide social, quando, em meio a tantas lutas, conseguimos vê-las empoderadas e ainda puxando as outras, temos que aplaudir e divulgar.

A 8ª edição da Revista Canjerê traz um desfile de mulheres protagonistas dos seus espaços. São elas, a cantora e atriz Zezé Motta; a escritora Conceição Evaristo; a empresária, escritora e palestrante Alexandra Loras; a advogada e militante Eliane Dias; a história de luta que move a ocupação Eliana Silva; a cientista política Josefina José da Silva; a pedagoga e escritora Madu Costa e tantas outras.

Vamos continuar focando na nossa força!

Nós, aqui da Canjerê, desejamos que você vibre na poderosa energia do amor!

Feliz 2018!
Afrobeijos!
Sandrinha Flávia



Sandrinha Flávia
Editora

SUMÁRIO

- p6** Entrevista
Eliane Dias e Alexandra Loras: Mulheres Negras. Protagonistas no FAN
- p18** Matéria de capa
Festival de Arte Negra - Brasil sem racismo, uma questão da democracia
- p24** África
Josefina José da Silva - Estudar no Brasil, um sonho realizado
- p26** Ensaio
Rafael Aquino e Leo Olivera - Fela Kutti: por que Kalakuta continua necessária
- p10** Comportamento
Pele negra e a maquiagem
- p12** Canjerê
Entre valorizações, parcerias e colaborações, a cultura negra permanece em evidência
- p14** Gente do Canjerê
Madu Costa - Escritora da diversidade da cultura afro-brasileira
- p16** Olhar Social
Vila Corombiara - A luta não pode parar
- p22** Negócios
Emprende Aí: projeto que se preocupa com a formação de empreendedores na periferia
- p29** Cultura - Literatura
Conceição Evaristo: De mãe - Ilustração: Leo Ramaldes
- p30** Cultura - Teatro
Segunda PRETA: Teatro negro em cena
- p31** Cultura - Cinema
A (in)visibilidade de Pretas e Pretos
- p32** Cultura - Música
Zezé Motta – arte e representatividade

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.

Arte da Capa:
Chris Souza e Maria
Luiza Viana



Colaboraram nesta edição:

Adilson Marcelino, Anna Alice Nogueira, Arjan Martins, Athos Souza, Bruna Valentim, Chris Souza, Conceição Evaristo, Diego Xavier, Divulgação FCS, Denise P. Santos, Dseshorts (Creative Commons), Emanuely Romão, GDA Eventos, Henrique Dias, Horacius de Jesus, Josefina José da Silva, Juca Ferreira, Leo Aversa, Luiza Valentina Paolinelli, Oscar Lester (Creative Commons), Pablo Bernado, Paulo Nazareth, Portarretrato, Praxis UFMG, Rafael Aquino, Rosza Filme/ Divulgação, Samara Crispim e Victor Maestro.

Erramos na edição passada:

Seção Cultura/Dança, o nome correto da dançarina é Marilda Cordeiro.

Foto: Ricardo Laf



Matéria de Capa

Juca Ferreira
Festival de Arte Negra - Brasil sem racismo,
uma questão da democracia

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES

Presidente
Marcial Ávila

Vice-Presidenta
Samira Adriano Reis

Curadora
Rosália Diogo

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editora
Sandrinha Flávia

Repórteres
Adriana Borges, Janaína Cunha, Moisés Mota,
Roger Deff e Samira Reis

Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia
Sol Brito
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial
Naiara Rodrigues

Revisão
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL
Carlos Serra
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edimilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye
Centro Cultural Casa África - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Olusegun Michael Akinrulli
Instituto Yourubá - Brasil - Nigéria

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Av. Bernardo Monteiro, 414
Bairro Santa Efigênia
30150-280 - Belo Horizonte/MG
Telefone: (31) 3273 0601
artescasarao@gmail.com



Mulheres Negras. Protagonistas no FAN

Por **PRETANÇA**

Projeto de extensão universitária do Instituto de Comunicação e Artes do Centro Universitário UNA. Coordenado pela professora Tatiana Carvalho Costa

Eliane Dias e Alexandra Loras têm trajetórias de vida diversas, mas com histórias comuns a várias mulheres negras. Da solidão em casa e na universidade ao protagonismo em suas áreas de atuação, as duas hoje se firmaram como referências para outras mulheres, especialmente para as mais jovens. Elas estiveram em Belo Horizonte no dia 18 de outubro para a roda de conversa “O Protagonismo da Mulher Negra no Brasil”, ao lado de Elisa Lucinda, com mediação de Áurea Carolina.

O evento integrou a programação do FAN Mulher 2017. Antes da conversa, elas foram entrevistadas por uma equipe de estudantes do projeto Pretança, do Centro Universitário UNA, que cobriu o evento em parceria com a organização do FAN.

Alexandra Loras

Foto: Emanuely Romão



Eliane Dias tem o aperto de mão firme e olha diretamente nos olhos quando fala. Tem certa doçura na voz e muita convicção em suas palavras. Pode-se conhecer Eliane Dias como a esposa do Mano Brown e a mulher que comanda, nos bastidores, os Racionais Mc's, mas ela é muito mais que isso. Mãe, advogada e militante, Eliane é um dos nomes mais fortes à frente do feminismo negro no Brasil. Durante nossa conversa, ela foi honesta, aberta, não fugiu de nenhuma resposta e falou sobre tópicos presentes na vivência de mulheres negras, como a solidão afetiva e a depressão no campo universitário.

Eliane, a solidão da mulher negra é um tópico muito presente na vida das mulheres negras. Você acredita que a solidão da mulher negra afeta sua filha como te afetou?

Eliane Dias

Foto: Emanuely Romão



Nós, mulheres negras, passamos a maior parte das nossas vidas sozinhas, porque ter um companheiro, ter um filho não significa que você não é sozinha. A maioria dos companheiros quer a mulher para o momento do coito, mas eles não querem pegar na mão, eles não querem sair para passear, não querem assumir o filho, não querem ir ao supermercado. Então, a mulher negra passa sua vida fazendo tudo isso sozinha. Não sei se foi porque não tive essa consciência ou se porque vi minha mãe sozinha, mas eu assumi na minha relação uma relação de trabalho e cuidado e de tudo comigo; então eu falava assim: é tudo no meu nome, pode deixar, não precisa ir à reunião da escola, não precisa ir ao supermercado comigo. Aí a coisa se acomodou, se compactou, o tempo passou e eu vi que não tinha viajado junto, ido ao supermerca-

do junto... É triste, viu? Eu não gosto nem um pouco disso. Com a minha filha, já é diferente. Ela já é consciente, sabe o que quer, o que não quer. Ela tem um namorado e eles fazem tudo juntos. E ela não abre mão de nada da vida dela para viver essa relação. Se ela quiser fazer qualquer coisa e o namorado não quiser, ela faz sozinha; mas fazem quase tudo juntos. Com certeza, ela não vai viver essa solidão não.

Você disse que sofreu com a depressão durante o período em que passou na universidade. Você acha que a depressão no meio universitário afeta jovens negros e brancos de maneiras diferentes?

Sim. Creio que nós, negros, estamos sofrendo ainda mais com a questão da resistência da universidade pelo fato dos



incentivos, pelo fato da cota, pelo fato da bolsa. Hoje, a gente sofre uma rejeição. Falam assim: “olha, tá aqui porque é cotista, tá aqui roubando lugar de um outro, não quero você comigo”. E essa perseguição acaba deixando a gente numa depressão, numa solidão mesmo. Mas, em contrapartida, hoje temos os coletivos dentro das universidades e muitas vezes eles acolhem os jovens negros quando chegam. Então está um pouco melhor que quando eu estudei, porque quando entrei na universidade, em 2002, eu era só eu, não tinha ninguém comigo. Então teve um mês, dois, em que eu saía chorando da universidade todos os dias. Eu saía literalmente com a lágrima caindo e andava sozinha para pegar o trem chorando e só pensava assim: amanhã eu volto, amanhã eu

volto. E eu estudei o primeiro e o segundo ano totalmente sozinha. Eu não tinha ninguém para conversar comigo, para fazer um trabalho.

Alexandra Loras nasceu em Paris. Em seu país de origem, atuou como jornalista e apresentadora de TV. No Brasil desde 2012, foi consulesa da França em São Paulo até o final de 2016. Decidida a permanecer por aqui, ela atualmente é empresária e também trabalha como consultora de empresas, palestrante e escritora. Seus principais objetivos são conscientizar os líderes empresariais sobre a diversidade de gênero e de raça e promover o empoderamento feminino.

Neste ano, ela lançou o PROTAGONIZO, definido como uma “plataforma digital que conec-

ta grandes empresas e serviços com talentos afrodescendentes” no Brasil e no mundo. Nesta entrevista, Alexandra Loras nos explica um pouco da diferença entre ser negro no Brasil e na França, fala sobre o preconceito na universidade e da inspiração para o aplicativo idealizado por ela.

Como você avalia a questão do racismo na França e aqui no Brasil ?

No Brasil, somos a maioria, 54% da população – a maior do mundo fora da África. Na França, somos tratados como minoria, como um assunto que não interessa ser retratado ou até mesmo contabilizado. O que me interessa mais nas diferenças – e que no meu país me incomoda mais – é que a minha identidade é sempre questionada por ser negra e francesa. A França tem 400 anos de escravidão e uma grande dificuldade de assumir a sua diversidade. No Brasil, sempre questionam minha legitimidade porque a narrativa da mídia sobre a França é tipo o Louvre (o museu), um único tipo de cultura de pessoas brancas e nariz fino, quando, na verdade, somos diversos. Mas a própria França tem dificuldade de assumir isso.

Em cargos mais elitizados e em cargos políticos, a atuação da mulher negra como protagonista é mínima. Como você usa a sua representatividade para auxiliar e estimular mulheres

negras a lutarem pelo protagonismo e como buscou inspiração para chegar a um cargo de extrema importância?

Quando eu fui estudar Ciências Políticas em uma das universidades mais reconhecidas do mundo (SciencesPo – Instituto de Estudos Políticos de Paris), eu tinha uma voz que me dizia: “Olha, Alexandra, você não pode conquistar este espaço, você não está no nível, você vai passar vergonha”. Mas eu já estava dentro da universidade e o pior que me podia acontecer era ficar fora. Então entendi que o sistema também queria, de todo modo, me dizer que eu, como mulher negra, não poderia conquistar esse espaço e que esta ideia não partia só de mim. Por isso que faço questão de inspirar mulheres e empoderá-las para poderem conquistar o seu espaço. Precisamos conquistar esses espaços através de inspirações de *coaching*, pois nenhuma pessoa chegou aonde chegou sem se inspirar em alguém. Por isso, aconselho as mulheres a procurarem referências, a fazerem no mínimo uma lista de cinco pessoas – pode ser sua vizinha, sua professora ou quem for. E mesmo que seja uma celebridade, seja por *Twitter* ou *Instagram*, nós podemos alcançar quem queremos. Precisamos usar dessas ferramentas para tentar um contato com pessoas que chegaram aonde queriam chegar dizendo: “Você me inspira! Você deseja ser o meu tutor?”

E quais são os seus projetos no Brasil em relação a isso?

Eu desenvolvi um aplicativo que se chama PROTAGONIZO, para ajudar afrodescendentes de talento a entrarem em contato com empresas. Muitas vezes, ouvi empresários dizerem: “Ah, mas não encontramos afrodescendentes que falam inglês, não achamos negros formados em universidades”, e a verdade é que esses negros existem, mas eles não sabem onde encontrá-los, pois os recursos humanos se preocupam apenas com os brancos, então eles têm dificuldades em saber da existência de negros capacitados. Nesse aplicativo, já há 2 mil negros cadastrados que são bilíngues.

www.protagonizo.com/hotsite/

Colaboradores Pretança:

Anna Alice Nogueira, Bruna Valentim, Emanuely Romão, Henrique Dias, Luiza Valentina Paolinelli e Samara Crispim.

Foto: Emanuely Romão



Pele negra e a maquiagem

Samira Reis

Jornalista, modelo e amante da maquiagem

O acesso a produtos de maquiagem está cada vez mais amplo. São inúmeras marcas com preços para todos os bolsos. Um mercado que ganhou cerca de 2 milhões de consumidoras em 2015 no Brasil, segundo a Nielsen Holdings, empresa global de gestão de informação. Vale destacar também o impacto das redes sociais nesse crescimento, impulsionado pelos influenciadores digitais. Itens indispensáveis para uma *make* ou mesmo novidades desse segmento são testados e avaliados pelos criadores de conteúdo que, por sua vez, engajam na audiência que os segue.

E quem gosta do assunto sabe que uma boa maquiagem começa pela base. Para isso, empresas desenvolvem diversas tonalidades para atender o maior número de pessoas. Era de se esperar que os fabricantes nacionais se atentassem verdadeiramente a isso, já que mais da metade da população brasileira é negra, de acordo com o IBGE. Porém, o caminho é inverso com opções desproporcionais entre as cores. Na contramão disso, temos exemplos como o da bloguei-

ra Rosângela José da Silva, responsável pelo blog Negra Rosa. Recentemente ela lançou uma linha de bases que leva seu nome. São cinco tons, todos para pele negra.

A maquiadora Daniele Damata responsável pelos projetos Damata Makeup e o Negras do Brasil acredita que os fabricantes brasileiros de maquiagem ainda têm muito a percorrer quando o assunto é maquiagem para a pele negra, “Enxergo uma melhora nessa indústria, mas ainda não é relevante ao ponto de fazer uma grande diferença no meu trabalho e com as mulheres negras. As marcas internacionais estão muito à frente”, afirma.

Ela cita como exemplo a Fenty Beauty, com produtos assinados pela cantora Rihanna. Um dos itens mais comentados, a linha de bases, conta com quarenta cores entre tons claros e escuros. “Acho que a Rihanna fez um trabalho sensacional. Algo que pensei que nunca veria. Foi de suma importância, pois pode ampliar esse mercado. A minha esperança é que as marcas brasileiras entendam o quanto é importante ter uma variação de tonalidades. É preciso enxergar que as mulheres negras querem ter opções de base”, comenta.

Damata ainda salienta a presença das mulheres negras em campanhas de marcas consolidadas nesse segmento. “As marcas têm investido muito na publicidade com a mulher negra e com os LGBTs, isso é um grande avanço. Mas ainda não reflete nos produtos. Espero que as marcas se inspirem em exemplos como esse da Fenty Beauty e aumente a grade, mostrando para essas mulheres o quanto elas são bonitas. Que exista uma democracia nessa indústria de cosméticos que, a meu ver, ainda é muito racista”, conclui.



Foto: Portarretrato

A empresária Rosângela José da Silva conhecida na internet como Negra Rosa, lançou uma linha de bases para a pele negra.

Daniele Damata percorre o país com o projeto Negras do Brasil, uma escola itinerante de maquiagem



Foto: Diego Xavier

CANJERÊ

As nossas artes e culturas no Quilombo Manzo e no FAN

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)



Lançamento da Revista Canjerê 7ª Edição

O dia 23 de setembro foi amplamente iluminado para a equipe de colaborador@s do Casarão das Artes. Foi a data em que lançamos a 7ª edição da Revista Canjerê. O local escolhido por nós para o lançamento foi o Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, no bairro Santa Efigênia, regional Leste de Belo Horizonte.

A energia da ancestralidade do ambiente emocionou todas as pessoas que lá estiveram. A matriarca, Mãe Muiandê, nos deu uma aula de vivência, espiritualidade e sabedoria. Ouvimos muitas histórias dela e também dançamos e cantamos ao som dos instrumentos de percussão e da voz do grupo Kizomba, que é composto por quilombolas da comunidade Manzo.



Foto: Denise P. Santos

Fela Kuti e Kalakuta

No dia 19, Leo Olivera, que é responsável pela editoração da Revista Canjerê e Dj, se somou ao também Dj Rafael Roots e, representando o Casarão das Artes, fizeram um tributo ao músico e ativista político, Fela Kuti. O evento, realizado em parceria com o Museu das Minas e do Metal, integrou a programação oficial do FAN. O bate-papo sobre a pessoa e a música de Fela Kuti destacou os ideais pretendidos para a República de Kalakuta, identificando o ativismo político, a eterna busca pelos direitos humanos, o pan-africanismo e o relevante e utópico papel da música negra nisso tudo.



FAN Mulher

O segundo momento de destaque vivido por nossa equipe, foi durante a realização da 9ª edição do Festival de Arte Negra – FAN/BH, que ocorreu entre os dias 15 e 22 de outubro. O tema deste ano foi FAN Mulher. Durante o evento, nos desdobramos em busca de entender melhor os aspectos relacionados à cultura e arte negras na perspectiva do protagonismo feminino e também demonstramos os nossos talentos artísticos que estão alinhados com a temática, como temos demonstrado nos conteúdos das edições da Revista Canjerê.

O Fanzinho

Outra agenda, dentro do festival que causou forte emoção aos presentes, no dia 21 de outubro, foi realizada pelos artistas mirins do Casarão – Raisla Maria e João Lucas, juntamente com as meninas Aisha Zahi e Sarah Silva. Essas crianças e adolescentes se apresentaram no dia 21, pela manhã, dentro de um dos eixos do FAN – o Fanzinho. El@s cantaram, declamaram poesia e fizeram performance cênica, apresentando o projeto “En’cantar” para o público.

Os irmãos Raisla Maria, 12 anos, e João Lucas, 14 anos, são artistas mirins que atuam como atores, modelos, mestres de cerimônia e poetas. Nas atividades de literatura e educação, João Lucas recebeu o título de “príncipe das letras” e Raisla o de “princesa urbana”.

Para Sarah e Zahi, tudo começou como brincadeira. Sarah Silva, filha de pai compositor e baterista, teve o contato desde cedo como universo musical. Aisha Zahi, filha de mãe sambadeira e pai rapper, sempre viveu a arte como forma de expressão. Meninas de uma voz encantadora que emociona a todos, começaram se apresentando em festas da família, interpretando vários gêneros musicais. A partir de 2015, começaram a escrever suas primeiras músicas, demonstrando o domínio da arte de compor. O repertório delas é vasto, em uma linguagem própria do universo lúdico da criança, e hoje querem fazer dessa diversão um ofício.

Museu Abílio Barreto

E, para encerrar a participação dos representantes do Casarão das Artes no FAN, Raisla Maria e João Lucas entraram novamente em cena, dessa vez com o ator Denilson Tourinho, para apresentar, no dia 22 de outubro, a oficina “Nossas Histórias, um pote de Ouro”. A apresentação aconteceu no Museu Histórico Abílio Barreto.

Exposição “Candaces”

Em consonância com o FAN-Mulher, o presidente do Casarão, e artista plástico, Marcial Ávila, expôs algumas de suas obras, durante o festival, no Hostel Adrenas – Exposição Candaces. Ele selecionou algumas de suas obras que representam negras altivas, empoderadas, dentre elas Chica da Silva, a “Rainha do Tijuco”. As mulheres retratadas pelo artista são negras conscientes de si e seu lugar no mundo. Protagonistas de sua própria história. Mulheres de Poder.



Exposição “Expresse”

A exposição “Expresse”, de Ellen Eres, que teve o apoio do Casarão das Artes, também merece destaque. Ela ganhou as paredes da sala multimídias do Mis Cine Santa Tereza, durante o FAN. O trabalho mostra, por meio da colagem, a diversidade das vivências de mulheres negras na sociedade atual. A exposição enfatiza formas, texturas, cores, referências e significados que trazem uma conexão entre si e ligam-se às diversas maneiras de se expressar das mulheres negras.



Foto: Denise P. Santos

Escritora da diversidade da cultura afro-brasileira

Naiara Rodrigues

Jornalista graduada em comunicação social - Universidade Federal de Minas Gerais. Desenvolve trabalhos de assessoria de imprensa. Co-autora do livro Diário de Bloco, sobre o carnaval de rua em Belo Horizonte

A relação de Madu Costa com a literatura veio do início da infância, quando seus pais ofereciam livros, discos de contos e também lhe narravam histórias. Desde criança, já criava pequenas narrativas e sua mãe as registrava em cadernos. À medida em que crescia, continuava o gosto pelos seus registros, que passou a fazer sozinha. Em 2000, publicou o seu primeiro livro, A Janta da Anta, na editora Imprensa Nacional, com o apoio do pai de um de seus alunos, que garantiu a impressão de mil exemplares.

Estava lançada a sua carreira. Madu Costa hoje é consagrada como uma das autoras expoentes da literatura negra brasileira, principalmente para o público infantil, e já têm 12 livros publicados, sendo dez deles narrativas afrodescendentes. Entre os títulos estão A Caixa de surpresa e Lápis de Cor, ambos da editora Nandyala, e as obras Cadarços Desamarrados, Koumba e o Tambor Diambê e Meninas negras, pela Mazza Edições.

Em toda sua obra, nota-se a preocupação em valorizar a

cultura negra desde a infância, seja pela escolha de perfil dos personagens, sempre negros e negras, no uso da linguagem ao apropriar-se de palavras africanas, ou no resgate de provérbios e expressões recheadas de aspectos civilizatórios do continente. A sua literatura é uma ferramenta de empoderamento a partir de vários aspectos, desde a caracterização dos personagens negros, a descrição de seus traços físicos, estéticos e psicológicos, até a busca em trazer a representatividade das crianças negras nas ilustrações sem estereótipos, ou na retratação dos aspectos positivos dos 54 países da África. O continente já foi destino de visitas da escritora por várias vezes, e Madu chegou a ser homenageada em 2014, em um sarau cultural no Centro Cultural Brasil Moçambique.

A sua trajetória também passa pela pedagogia: a literatura e o gosto pela leitura também fez com que Madu se enveredasse nos caminhos da educação. A consciência da existência do racismo, da desigualdade e, em especial, o seu amor pelas crian-

ças, a levou à pedagogia, área em que acumula quarenta anos de dedicação ao magistério.

“A literatura me fez e me faz melhor professora; melhor educadora, e melhor escritora. O meu trabalho pedagógico sempre se pautou pelo respeito. Respeito à diversidade e aos conhecimentos prévios dos alunos, ao trabalho sistemático com a literatura infantil e juvenil, à literatura clássica, literatura afro-brasileira, cordel, entre outros gêneros. Além da literatura, a arte foi e sempre será a metodologia exitosa para proporcionar aprendizagem significativa”, defende a autora que atualmente desenvolve três novos projetos literários. O primeiro deles é um livro com CD de cantigas sobre países da África, seus aspectos civilizatórios, suas riquezas minerais, animais e vegetais. Outro que prepara é uma coletânea de poemas sobre gatos; e o terceiro, um livro de suas memórias. A previsão é de que as novas obras sejam lançadas ainda no primeiro semestre de 2018. A escritora é a madrinha do Casarão das Artes, e, em especial, do Projeto Canjerê.



A luta não pode parar

Samira Reis

Jornalista, modelo e amante da maquiagem



Foto: Praxis UFMG

Em março de 1996, surgia a Vila Corombiara, em Belo Horizonte. Uma ocupação de extrema importância naquela época, em que quase não se viam movimentos do tipo na cidade. Com empenho e mobilização dos moradores e lideranças, o local conseguiu ser estruturado para atender as famílias que lá viviam. Água encanada, saneamento básico, transporte escolar para as crianças, além do título de posse, concedido pela prefeitura.

Entre os que arduamente batalhavam pela garantia desses direitos, estava Eliana Silva. Além de presidir a Associação dos Moradores da Vila Corombiara, Eliana foi uma das fundadoras do MLB nacional - Movimento de Luta nos Bairros, vilas e favelas. Um ativismo inspirador para os moradores que aprendiam ali sobre a construção de uma sociedade justa. Em um evento voltado para saúde realizado na Vila, Eliana descobriu um nódulo no seio, posteriormente diagnosticado como câncer de mama. A ativista morreu em janeiro de 2009, mas seu legado perpetuou.

Moradores de várias regiões e famílias sem teto foram organizadas pelo MLB e, em abril de 2012, passaram a fazer parte de uma nova ocupação, que pas-

saria a se chamar Eliana Silva, na região do Barreiro, em Belo Horizonte. Segundo Leonardo Péricles, coordenador do MLB nacional, a ideia era homenagear a militante e toda a trajetória em prol do movimento. “Essa primeira tentativa durou apenas 21 dias. Os moradores foram despejados com extrema violência, sob a ação de cerca de quatrocentos policiais armados do GATE, cavalaria”, comenta Péricles.

Na época, mais de 300 famílias foram surpreendidas com o despejo, já que não houve aviso prévio. Leonardo lembra que os moradores tentaram resistir, mas a situação se tornava caótica. “Uma mãe foi impedida de amamentar sua filha, já que estava dentro da ocupação e a filha com a avó do lado de fora. Sem contar nas agressões físicas, psicológicas. Houve uma repercussão muito grande, em nível nacional. O rapper Emicida fez um show em BH, um dia depois do despejo, e denunciou as ações da Polícia Militar. Ele acabou preso e foi solto por um advogado do movimento. O caso tomou uma proporção ainda maior, já que um rapper conhecido foi preso após denunciar o despejo de famílias pobres”, afirma.

A ocupação foi retomada em agosto de 2012, na mesma região cercada por uma área verde e uma nascente. O intuito é que essa área de preservação se torne um parque. Cerca de trezentas famílias vivem no local com saneamento básico, além

biblioteca e uma creche que atende trinta crianças de 0 a 4 anos. O movimento também realiza um trabalho com jovens da comunidade e do entorno. “Minha quebrada é um projeto voltado para jovens negros, principalmente para os mais vulneráveis. Um processo de conscientização, de se orgulhar de ser negro, negra, de trabalhar a identificação desses jovens com as ocupações e o seu significado. Muitos foram rechaçados nas escolas, nos grupos em que convivem devido ao senso comum sobre o que é morar em ocupações”, argumenta Leonardo.

O fatídico abril de 2012 deixou uma senhora atordoada. De acordo com Leonardo, ela nunca se recuperou de tudo aquilo que viu. Algumas crianças sofreram trau-

mas psicológicos. Desde então, já são cinco anos de um recomeço árduo, mas de muitos progressos. A luta continua. “A ocupação é composta basicamente por famílias de baixa renda. Com isso, uma das metas é garantir a tarifa social nas contas de água e luz; também o reconhecimento da creche por parte do município, garantindo a parte financeira e mantendo a gestão do movimento, que promove a parte pedagógica. No mais, para 2018, a perspectiva é de avançarmos nessas várias lutas em que nós colocamos e conquistamos o máximo que a gente puder, no sentido da manutenção e permanência dos moradores que residem hoje na Ocupação Eliana Silva”, finaliza.



Foto: Praxis UFMG

Festival de Arte Negra - Brasil sem racismo, uma questão da democracia

Juca Ferreira

Secretário Municipal de Cultura de Belo Horizonte



Foto: Ricardo Laf

A profunda crise que estamos atravessando no Brasil faz com que, mais do que nunca, a sociedade brasileira precise de eventos como o Festival de Arte Negra, que se realiza em Belo Horizonte há mais de vinte anos.

O FAN é mais do que um patrimônio desta cidade, tem sido uma exposição da exuberante contribuição de origem africana para a cultura brasileira, permanentemente renovada por seus descendentes.

A cada edição, reafirma-se a força do país como uma nação afro-americana e é, ao mesmo tempo, a reafirmação de nossa diversidade e da influência e presença do legado africano em quase tudo que criamos e fazemos nos mais diversos âmbitos da cultura brasileira.

Não podemos ignorar que vivemos tempos marcados pela intolerância, pela homofobia, por machismos e por racismos de todo tipo. A democracia nunca combinou com racismo, com sexismo e outras formas de segregação.

Vivemos no país um momento de acirramento da disputa de projetos antagônicos de nação, rivalidades ideológicas e tentativas de fazer a roda da história rodar para trás. O avanço de alguns desses posicionamentos nos conduzem à negação da liberdade, da igualdade e da possibilidade de fraternidade, constituindo-se numa

ameaça ao nosso futuro enquanto sociedade, numa tentativa de enfraquecer nossa coesão política e social. É nosso dever conchamar para a sensatez e enfrentá-los em todas as dimensões possíveis. É nosso dever ressaltar a importância da convivência pacífica, afetuosa e respeitosa entre as diferenças; defender a democracia e o estado de direito e lutar para avançar na direção de uma sociedade que garanta direitos e oportunidades iguais para todos os cidadãos e cidadãs e que respeite a nossa diversidade sem nenhum tipo de preconceito e discriminação.

Como querer negar que ainda não conseguimos apagar as marcas da escravidão, que elas continuam impregnando nossas relações sociais e que foram naturalizadas em nosso cotidiano e em nossos hábitos e costumes? Joaquim Nabuco estava certo quando nos disse que a nódoa da escravidão permaneceria em nós e entre nós por ainda mais de século. Os fenômenos culturais têm a força de muito sutilmente se fixar em nossas relações sociais e, até mesmo, servir de instrumento para a reprodução das desigualdades, sob o consentimento geral, inclusive de seguimentos discriminados.

Aqueles que foram escravizados e trazidos da África para cumprir trabalhos forçados em condições aviltantes no continente

“O FAN é mais do que um patrimônio desta cidade, tem sido uma exposição da exuberante contribuição de origem africana para a cultura brasileira, permanentemente renovada por seus descendentes”

americano, já mesmo dentro dos navios negreiros que os transportavam, dialogavam e buscavam o entendimento a partir da nova condição comum de escravizados, para além da diversidade linguística; hibridizavam-se, e ali começavam a construir novas culturas. As culturas afro-americanas que ali começavam a nascer resultavam da convivência forçada de muitas etnias escravizadas, já exigiam desses vários grupos estratégias e normas comuns de convivência no momento mesmo em que principia a diáspora negra para as Américas.

Cada nação que surge nas Américas resulta, em grande parte, da capacidade de enfrentamento das condições a que estavam submetidos nas novas terras os africanos escravizados e de seus descendentes; das estratégias de adaptação, feita de submissão e resistência às condições dantescas da escravidão e ao meio ambiente em que viriam a se instalar. Foram e são inúmeras as possibilidades de conformação ao lugar e ao território, muitas foram as variáveis em jogo a nela interferir. Não esqueçamos de que o escravizado nunca foi um elemento passivo e

nunca deixou de buscar subverter ou minorar os sofrimentos de sua condição nos mínimos espaços de movimentação social que porventura a nova realidade lhe permitia, fugindo para criar quilombos, sabotando e se revoltando, cedendo para sobreviver, disputando culturalmente todos os espaços da vida no novo mundo, até mesmo se suicidando. Isso ele o fez, sobretudo demarcando seu espaço cultural; do gestual à culinária, das suas tradições religiosas à musicalidade e à invenção e à inovação, contando para isso com essa interação entre as várias etnias, forçadamente aproximadas pela escravidão.

Por tudo isso, podemos dizer que hibridizações, miscigenações e sincretismos tornaram-se marcas do “processo civilizatório das Américas”, especialmente naqueles territórios onde o projeto cristão de colonização se funda com base no catolicismo. A dominação em todas as variantes da ordem escravagista procurava garantir a ordem social e os interesses dos senhores de escravos. Para muitos africanos, diante das condições impostas, parecia que a melhor estratégia se dava por uma suposta aceitação da

tradição do outro; os brancos católicos também jogavam o jogo do outro lado do tabuleiro social, buscando sempre impor sua hegemonia; os portugueses sabiam que o poder não se sustentaria apenas pelo uso da força e da coação, por isso sempre estiveram negociando valores, fazendo concessões nos costumes e tradições, sempre as combinando com repressão, castigos corporais e interdições. O catolicismo, associado ao poder econômico, usou desde então, como uma das suas estratégias, a incorporação de tradições “pagãs”.

A dimensão religiosa, enfim, fundamentada em valores cristãos, além de ser a base de um projeto comercial de ocupação de territórios nas Américas, é também, em grande parte, responsável pelas diversas maneiras e nuances com que o racismo se institucionaliza em cada um dos seus cantos. Isso explica muitas diferenças culturais, diferenças entre o racismo em países de origem latina e entre os anglo-americanos, e também as formas e contextos das segregações e invisibilizações distintas em países latinos.

Para os indígenas, o lugar reservado na sociedade é semelhante ao dos negros: a base da pirâmide. Este é um fato concreto que torna a nossa realidade social mais complexa, e que explica, em parte, características de nossa formação que não podemos ignorar em nossas análises. Muito me-

nos menosprezá-la nos processos de enfrentamento. Admiti-la significa compreender a questão racial dentro de um campo político e identitário mais amplo, em sua complexidade e desapegado de um padrão dicotômico importado. Precisamos ampliar o “lugar de fala”, daqueles que lutam contra o racismo. Eliminar o racismo deve ser objetivo de todos aqueles que lutam por justiça social. Pode-se lutar contra o racismo a partir do desejo e do compromisso com a igualdade.

A negação de nossa miscigenação termina por se constituir em mais um obstáculo a uma visão mais pragmática de combate ao racismo entre nós. O miscige-

nado também enfrenta o racismo e não compete em condições de igualdade.

Apesar de significativos avanços, a questão racial continua sendo a mesma; é necessário combater as diversas maneiras com que o racismo se instala e se reproduz entre nós, como ele se naturaliza em nossas relações sociais, como ela deprecia os indivíduos na origem a partir da cor da pele e dos fenótipos. É preciso combatê-lo assim como extirpá-lo em sua complexidade e onipresença social.

Viver em uma democracia racial deveria ser o ideal de todos. O que se quer, em última instância, quando se luta contra o ra-

cismo e a discriminação racial, é conquistar relações democráticas entre diferenças humanas de qualquer espécie. Ainda mais quando se lida com um conceito de tão frágil sustentação quanto a ideia de raça.

A cultura afro-americana é uma cultura viva, heterogênea, generosa e inclusiva, dotada de uma capacidade de resistência assombrosa. Valores, memória, história, arte, religião, linguagem, tudo isso se entrelaça aqui. Cabe-nos dar as condições para que floresçam em paz e harmonia.

Dj Black Josie,
Karu Torres e
Carlandreia Ribeiro,
curadoras do FAN 2017

Foto: Ricardo Laf



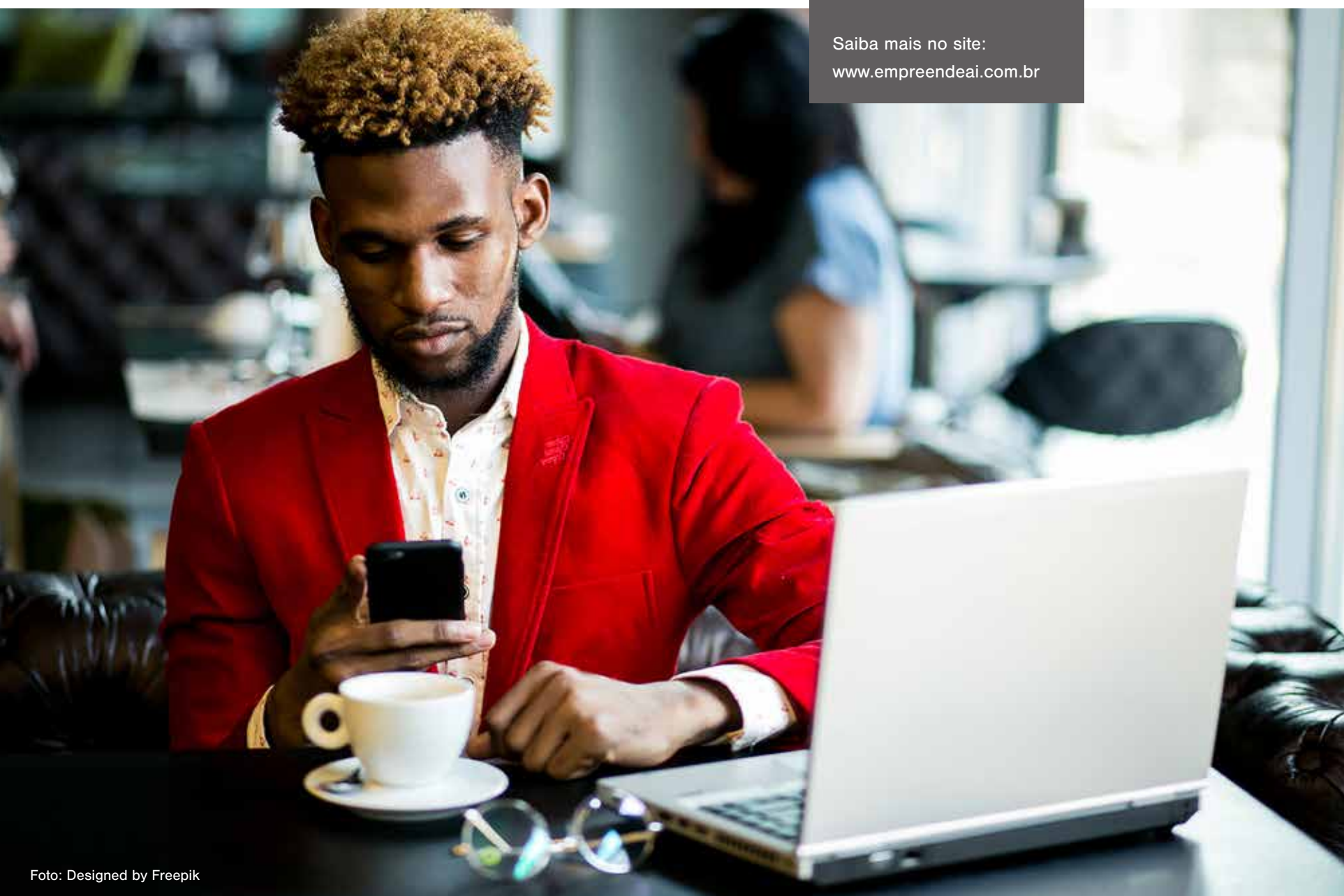
Empreende Aí, projeto que se preocupa com a formação de empreendedores na periferia

Moises Mota

Jornalista

No curso os alunos aprendem a preparar os seus negócios para a dinâmica do mercado.

Saiba mais no site:
www.empreendeai.com.br



Despertando o empreendedor é um curso sobre empreendedorismo que está sendo fornecido para pessoas da periferia através de ferramentas online. Voltado para empreendedores populares, o curso trabalha com motivação e reconhecimento das habilidades do indivíduo com a finalidade de “inovar para sobreviver”. Em seu histórico, contém a marca de 100 alunos egressos, segundo os fundadores Luis Henrique Coelho, administrador de empresas, e Jennifer Rodrigues, psicóloga.

Ainda sobre a história desse processo de ensinamentos, há a participação ativa na criação de mais de 50 negócios. Partindo da premissa do autoconhecimento os instrutores trabalham a exploração e o reconhecimento das habilidades do público interessado.

Em seguida, é feita o desenvolvimento do comportamento empreendedor do indivíduo em que são tratadas as características do “eu empreendedor” e conferidas as possibilidades de mercado.

Outro ponto do projeto é a exploração da prática e do feito que engloba os processos manuais em que são postas as idéias em prática. Não há, por parte dos docentes, a necessidade de o curso ser feito somente no campo teórico; há que ser também estimulado na prática. Tudo isso com a preocupação do uso de uma linguagem em que há uma preocupação com a clareza textual. O curso acontece no período de quatro meses e os projetos difundidos a partir do curso têm o apoio do levantamento de fundos para sua realização.



Foto:
Rosália Diogo

Estudar no Brasil, um sonho realizado

Josefina José da Silva

Formada em Relações Internacionais pela Universidade da Amazônia - UNAMA e pós graduada em Ciência Política pela Universidade do Pará - UFPA



Hoje eu vim falar do Brasil, o país que me recebeu de braços abertos e ajudou a construir a pessoa que sou. Troquei a Turquia pelo Brasil porque sempre quis conhecer este país. Acredito que essa influência veio das telenovelas brasileiras.

Sou Josefina José da Silva, Guineense da Guiné-Bissau, país da África Ocidental, caracterizada pelos altos índices de pobreza e uma instabilidade política crônica desde a sua independência em 1973. O nível educacional é muito baixo comparando com os outros países da região.

Vim para o Brasil em 2012 através do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), criado oficialmente em 1965 pelo

Decreto nº 7.948, que oferece aos estudantes de países em desenvolvimento, com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico, a oportunidade de realizar seus estudos de graduação em instituições de ensino superior (IES) brasileiras. Atualmente é administrada pelo Ministério das Relações Exterior do Brasil, no setor dos temas educacionais, e pelo Ministério da Educação em parceria com as instituições superiores brasileiras do ensino.

Sou graduada em Relações Internacionais pela Universidade da Amazônia-UNAMA e, atualmente, estou terminando o Mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal do

Pará-UFPA, sendo que neste último me candidatei no processo seletivo normal, como os brasileiros.

Antes de vir ao Brasil, passei por processo seletivo idêntico ao vestibular em que o candidato tem que responder sobre a cultura geral, matemática, literatura brasileira e produzir a redação. Após isso, caso seja selecionado, tem que passar por outro processo que é a questão do termo da responsabilidade em que se verifica se seus pais tem condições para arcar com os seus custos no Brasil, uma renda mensal mais ou menos D\$, 500 por mês. Muitas vezes, essas questões impossibilitam muitos de vir para cá por questões econômico-familiares, já que a ren-

da mensal de uma família em Guiné muitas vezes não chega ao teto de mil reais.

Após isso, temos que escolher duas cidades e dois cursos como preferências. A partir daí os órgãos brasileiros é que selecionam os candidatos de acordo com as vagas disponíveis nas universidades, o curso e a cidade pretendidos pelo estudante. Passadas essas etapas, a Embaixada do Brasil divulga o nome dos selecionados. Cada país tem o seu método de seleção.

Atualmente, o Brasil recebeu mais de 7373 estudantes em parceria com mais de 25 países africanos. O país que mais adere à parceria é Cabo Verde com 3059 alunos/as, Guiné-Bissau vem em seguida com 1358 e Angola com 739, ou seja, o Brasil mantém a cooperação educacional com os países africanos da Língua Oficial Portuguesa – PALOP – como demonstram os dados do Ministério das Relações Exteriores (MRE).

Além do PEC-G, há outro programa que é a UNILAB – a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – sancionado pela pelo decreto Lei nº 12.289 pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2010. O programa nasceu baseado nos princípios de cooperação solidária em parceria com outros países africanos, principalmente com os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Hoje conta com duas sedes universitárias no município de Rendeção (CE) e em São Francisco do Conde (BA).

Meu processo de adaptação foi um pouco difícil no início. Falamos português no meu país, porém é o português ligado à Portugal. As pes-

soas não me entendiam, pois algumas palavras têm significados diferentes aqui no Brasil e, às vezes, são tidas como insultos, por exemplo: um dia chamei as minhas colegas de turma, numa apresentação de trabalho, de “raparigas”. Todos ficaram assustados, eu fiquei sem entender, pois em Portugal a palavra é sinônimo de “moças”, aqui no Brasil tem outros significados. No Norte, em Belém do Pará, é normal usar a expressão “égua”. A princípio, eu achava estranho, mas acabei me socializando, e hoje digo “égua” em tudo.

Evelino Sá, da república Guiné-Bissau, estudante de Economia da Universidade Federal do Pará (UFPA), fala sobre suas experiências como estudante de Economia e diz: “vim ao Brasil em 2012. A experiência está sendo boa, não tive nenhuma dificuldade quanto à língua, pois sou da Guiné-Bissau, e falamos português, muito embora no início as gírias e os sotaques me faziam me perder um pouco nas conversas, mas com a adaptação, hoje está tudo bem”, ressalta.

Já Israel Sewanou Hounsou, da República do Benin, estudante de ciência da computação, revela que a maior dificuldade encontrada foi a adaptação cultural e linguística. “Eu cheguei em 2014, logo comecei a estudar língua portuguesa. No início, foi mais difícil por conta da adaptação cultural e linguística. Mas hoje devo dizer que não existe melhor país que o Brasil. Agradeço ao Brasil e aos brasileiros”, revela.

Daniel Atta Lartey, da república de Gana, estudante de Ciência Contábeis pela Universidade Federal do Pará(UFPA), também encontrou dificuldades no início e relata: “che-

guei no Brasil e comecei a estudar a língua portuguesa. A adaptação foi bastante difícil, tive dificuldades em adaptações culturais, principalmente com a língua e as pronúncias corretas das palavras, mas hoje já não sinto muitas dificuldades como antes”, informa.

A adaptação é um dos principais problemas relatados nesse bate-papo com meus amigos; em seguida vem a língua e a saudade da família. Muitos entram em depressão. Eu mesma já passei por isso. Penso que essas questões deveriam ser mais debatidas pelas universidades federais, pois muitos estudantes não conseguem finalizar o curso por conta desses problemas e acabam desistindo do tão sonhado sonho. O apoio das famílias nesse percurso é muito importante, pois ser estudante estrangeiro não é nada fácil. Aqueles que conseguem erguer o seu canudo na formatura são vencedores.

Hoje em dia, eu digo que não poderia vir a um país melhor do que o Brasil. Aqui me sinto em casa e agradeço de coração a todos os estudantes brasileiros que nos dão suporte e àquelas amizades fraternais que só vocês sabem dar. Agradeço ao Brasil também de coração e ao Ministério das Relações Exteriores – MRE – pelas bolsas concedidas, às universidades federais e privadas que recebem os estudantes estrangeiros, como a Universidade da Amazônia – UNAMA – em Belém do Pará, onde fiz minha graduação. Em breve estarei de partida, mas com certeza é só um até logo, pois irei voltar.

Amo o Brasil e amo os brasileiros. GRATIDÃO!

Fela Kuti: por que Kalakuta continua necessária

Rafael Aquino

Mestre em Ciências Sociais em Políticas Públicas, Poder Local e Participação, Conselheiro Estadual de Cultura e integrante do coletivo Pretas em Movimento. CEO da Casa Criativa, também é DJ, gestor cultural e produtor local do Fela Day BH.

Leo Olivera

Mestre e professor em Arquitetura e Design - UFMG, pesquisa sobre tecnologia e comportamento. É DJ e estuda Jazz, Música Negra, Música Eletrônica e suas influências em nossa sociedade. Também participa dos eventos do Fela Day BH.



Foto: Dshorts
Common Creatives

No seio de uma família tradicional da aristocracia africana, envolvida diretamente com as lutas pela independência e libertação da Nigéria, é de onde veio Fela Kuti, nascido em 15 de outubro de 1938, em Abeokuta, capital do estado de Ogun, Nigéria. Sua mãe Funmilayo Ransome-Kuti ou Bele, era professora, ativista política e feminista que na década de 1950, lutou pelo direito ao voto das mulheres. Foi ela a primeira mulher a dirigir um carro na Nigéria, viajou para vários países socialistas, conheceu Mao Tsé-Tung e era amiga de grandes líderes pan-africanistas como Kwame Nkrumah, responsável pela independência de Ghana.

Fela Kuti viveu até os 58 anos, inventou o gênero musical chamado Afrobeat, gravou mais de 70 discos, fundou uma república, a Kalakuta, se candidatou à presidência da Nigéria e ainda é considerado mito do pan-africanismo, movimento que busca o desenvolvimento, unidade e a solidariedade entre os países do continente africano. Os dirigentes do governo da Nigéria, ao longo dos anos 1970 e 1980, não aceitavam críticas direcionadas ao regime ditatorial. Os choques

entre Fela e os governantes da época se arrastaram-se por anos e culminaram na tragédia de 18 de fevereiro de 1977, quando cerca de mil soldados invadiram a comunidade independente de Kalakuta. Fela acumulava espancamentos, ossos quebrados e cicatrizes e toda vez que ia preso ou quando seu povo era vítima da repressão, sua resposta às agressões vinham na forma de músicas.

No final dos anos 70, quando não haviam eleições diretas no país, Fela Kuti fundou seu próprio partido político, o “Movimen-

to do Povo” (Movement of the People) e lançou-se em campanha para presidente da Nigéria. No entanto, sua candidatura foi recusada pelas autoridades da época. Mesmo assim, Fela ainda acreditava que os espíritos iriam ajudar o povo africano a se levantar contra os governos corruptos.

Dentre fatos que chamam a atenção em sua vida, destaca-se seu casamento com vinte e sete mulheres, numa mesma cerimônia, em 1978, na qual marcou o aniversário de um ano do ataque à República de Kalakuta. As “Rainhas”, como Fela as chamava, eram cantoras e dançarinas de sua banda Afrika 70.

O seu despertar para as questões políticas e raciais culminou com a criação do Afrobeat que surgiu com letras de protesto. Musicalmente reuniu Jazz, Soul e Highlife, música tradicional originária de Ghana. Numa viagem aos Estados Unidos, em 1969, Fela conheceu a cantora Sandra Izadore, que era militante do Partido dos Panteras Negras. Ela introduziu Fela ao pensamento de Malcolm X e de outros tantos líderes do movimento negro.

O Afrobeat criado por Fela possuía canções de até 20 minutos, com conteúdo de protesto. O fato de serem cantadas em pidgin (inglês mesclado a outros dialetos) era considerado totalmente fora dos padrões da indústria fonográfica mundial, fato que não impediu que sua fama se espalhasse dentro e fora da África. Ao longo de sua carreira gravou mais de 70 discos e realizou turnês no Estados Unidos e países da Europa.

Sua luta fez com que ele con-

tinua como um símbolo. Nas últimas décadas, sua biografia e obra se equiparam a de ícones da música negra, como Bob Marley e James Brown. Em 2010, sua biografia foi adaptada para o musical “Fela” para a Broadway, sob a produção de Will Smith e Jay-Z. Sua biografia autorizada “This bitch of life” publicada em 1982, pelo cientista político cubano Carlos Moore, possui edição nacional e foi lançada no Brasil em 2011, pela editora mineira Nandyala, com título “Esta Vida Puta” e com prefácio assinado por Gilberto Gil.

República Kalakuta

A República Kalakuta foi uma comuna criada nos arredores de Lagos na Nigéria. Lá foi criada uma clínica de saúde gratuita, além das instalações do estúdio de gravação e produtora musical cooperativa.

Kalakuta é a materialização de uma confluência de ideias, fatos, ações e momentos de uma época singular para a tomada de consciência mundial do que era (e ainda é) a sociedade em que vivemos. Ela teria que acontecer na África e ter sido criada por alguém que conheceu o mundo dos brancos (Fela estudou medicina na Inglaterra). Teria que ser criada pela influência de um povo, negro, que sofreu diretamente com a diáspora, com a escravidão, e o afastamento de sua história e cultura originais. Teria que ser criada por alguém da música. E teria que através da música desmascarar a falsidade, o abuso e a opressão sofrida por seu povo, despertando ainda a vontade de se revoltar e de se corrigir erros.

Kalakuta teria que se tornar independente e mostrar que os sistemas são criações e não estados (estados de espírito, estados de querer. Esses estados que não conseguem ser quebrados). Kalakuta durou pouco, mas ainda existe. Nela repousa experiência impar sobre relações possíveis entre música, ativismo político, pan-africanismo e anti-imperialismo, pois nela está o sonho que levou um músico a causar um enorme impacto global, particularmente desde que a criação do Afrobeat, revolucionando a música mundial, o academicismo africano e a representação da África e sua diáspora.

A música de Fela foi criada com uma relação muito próxima e respeitosa com a devoção da cosmologia e iconografia religiosas do povo Yoruba e seus rituais, música, dança, teatro e poesia. Vem disso os corpos vivamente pintados de suas dançarinas, as venerações dos espíritos ancestrais de proteção dos seus músicos, o papel de protetor do “pai” em relação às mulheres (vinte e sete) e de toda sua estética visual.

Esta manobra artística de Kuti, baseada na raízes culturais africanas, refletia seus princípios e concepções de nacionalismo e “nativismo”. A ideologia criativa musical de Fela Kuti se tornou uma das primeiras e mais importantes expressões contemporâneas das glórias e proezas das civilizações clássicas da África. Essa articulação tornou-se o foco expressado pela sua narração musical, centrada na cultura, identidade, política e formas de vida no continente. Ele usou a música para descolonizar a edu-



Foto: Sol Brito

cação e criar uma conscientização da grandeza de África; um desenvolvimento diametralmente oposto da condição pós-colonial. Gravar suas músicas em pidgin, apropriando e desconfigurando o idioma do colonizador nos ajuda a entender seus objetivos.

E nessa hora é importante citar o conselho que Bele, sua mãe, lhe disse:

“Comece a tocar música que sua gente entenda e não o jazz”

A criação de sua estética musical foi a revelação dos seus sentimentos de utopia africana e criou uma união com músicos afro-americanos legendários como George Clinton, (e toda sua representação negra relacionada ao Hip Hop e ao Funk original) e como Sun Ra (e toda sua representação negra relacionada ao Jazz e às experimentações Be Bop) Dessas relações, surgiu o verdadeiro Afrofuturismo e a verdadeira expressão jazzística africana.

Kalakuta chamou a atenção para a questão de descolonização das mentes da população negra, assim como da dominação ocidental na África. Mostrava que para se acabar com a dominação ocidental da África, teriam de retomar o controle da história

e conduzir o continente para longe de onde o ocidente gostaria que ele permanecesse. Mas somente por uma iniciativa cultural e histórica de todos os africanos. Propunha um olhar à experiência africana livre de perspectivas históricas colonialistas.

Por isso precisamos de mais Kalakutas!

Porque precisamos aprender a declarar certas independências. Independências essas, nas quais os mundos político, mercadológico e do colonizador são identificados, apropriados, repensados, transformados e descartados em prol de respeito e igualdades sociais, raciais e de gênero.

Porque precisamos aprender a verdadeira função da música que denuncia, conscientiza e une em prol das mesmas igualdades e respeitos.

Porque precisamos deixar rastros e pegadas aos mais novos para que nunca esqueçam os valores e extensões das artes.

Precisamos de mais Kalakutas porque ainda hoje o preconceito ganha forças retrógradas muitas vezes camufladas de tecnologia ou expressões artísticas, mas cada vez mais direto e opressivo.

DJ Rafael Roots e DJ Leo Olivera em uma homenagem à Fela Kuti e ao Afrobeat, em outubro de 2017. Ao fundo imagem da peça Fela, na Broadway, Estados Unidos

REFERÊNCIAS

- MOORE, Carlos. Fela: Esta vida puta. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- CALADO, Carlos. O Jazz como espetáculo. São Paulo, Perspectiva, 2007.
- WILLIAMS, Richard. Kind of Blue: Miles Davis e o álbum que inventou a música moderna, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2011.

CULTURA - LITERATURA

De mãe

Conceição Evaristo

O cuidado de minha poesia
Aprendi foi de mãe
mulher de pôr reparo nas coisas
e de assuntar a vida.

A brandura de minha fala
na violência de meus ditos
ganhei de mãe
mulher prene de dizeres
fecundados na boca do mundo.

Foi de mãe todo o meu tesouro
veio dela todo o meu ganho
mulher sapiência, yabá,
do fogo tirava água
do pranto criava consolo.

Foi de mãe esse meio riso
dado para esconder
alegria inteira
e essa fé desconfiada,
pois, quando se anda descalço
cada dedo olha a estrada.

Foi mãe que me descegou
para os cantos milagreiros da vida
apontando-me o fogo disfarçado
em cinzas e a agulha do
tempo movendo no palheiro.

Foi mãe que me fez sentir
as flores amassadas
debaixo das pedras
os corpos vazios
rente às calçadas
e me ensinou,
insisto, foi ela
a fazer da palavra
artifício
arte e ofício
do meu canto
de minha fala



Ilustração: Leo Ramaldes

Leo Ramaldes
Ilustrador e Designer

Segunda PRETA: Teatro negro em cena

Naiara Rodrigues

Jornalista graduada em comunicação social - Universidade Federal de Minas Gerais. Desenvolve trabalhos de assessoria de imprensa. Co-autora do livro Diário de Bloco, sobre o carnaval de rua em Belo Horizonte

Com a ideia de viabilizar espaço para apresentação de teatro com a linguagem negritude, a Segunda PRETA comemora um ano em janeiro e já realizou três temporadas e duas ações no Teatro Espanca! A proposta de empretecer um dia da semana com espetáculos de qualidade, significa tocar a raiz da estruturação cultural eurocentrada dessa linguagem e promover mudanças significativas na fruição teatral.

Inspirado na Terça Preta, que acontece em São Salvador (Bahia), o projeto já apresentou 34 espetáculos e experimentos cênicos de artistas independentes negros como as companhias Espaço Preto, Grupo Emú, Cia Bando, Coletivo Tropeço, Com-

panhia Negra de Teatro, Coletivo Maquinária e Teatro Negro e Atitude.

Rauta Sabrina, atriz, performer e integrante da Segunda PRETA, destaca que ela promove a união de artistas negros e negras que viabilizam sua representatividade nas artes em um espaço mediado pelo conceito de aquilombamento. O projeto não possui uma curadoria, mas se abre para a comunidade artística negra por meio de seus canais de comunicação (facebook e site). “Tudo é decidido pela disposição de quem quer estar dentro do movimento, para movimentar-se”, ressalta. O projeto já contabiliza 187 pessoas envolvidas diretamente com as tempo-

radas entre artistas, técnicos e produção.

Entre elas está Tatiana Carvalho Costa, realizadora audiovisual e professora que considera o movimento como um símbolo infinito de positividade. “A Segunda PRETA tem ganhado olhares com carinho e urgências de dizer o que nós negrxs fomos impedidos de falar, atuar, agir, escrever por muito tempo. Possibilidade de recriar o Teatro Negro, com tantas artistas belezura que há nesta cidade. Conhecer a si mesmo, através dos olhos dos outros é um de nossos propósitos. Em cada ato dentro da Segunda PRETA, geramos nosso futuro para nós e aqueles que virão”, conclui.



Fotos: Pablo Bernardo

A (in)visibilidade de Pretas e Pretos

Adilson Marcelino

É negro, jornalista, pesquisador de cinema e criador do site Mulheres do Cinema Brasileiro



Foto: Rosza Filme/Divulgação

Indignados com a velha desculpa de que não haveria nome preparados para suprir a falta de atrizes e de atores negros nas novelas, nos filmes e em publicidade, Zezé Motta e parceiros criaram, em 1984, o site de cadastro Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro - CIDAN. Desde, pelo menos, a fundação do Teatro Experimental do Negro - TEN, marco divisor de águas capitaneado por Abdias do Nascimento e parceiros como Ruth de Souza na década de 1940, que a luta por espaço e pela visibilidade de pretos e pretas é uma dura realidade. Polêmicas como a mais

recente, envolvendo a atriz Fernanda Montenegro por ter sido escalada para uma personagem negra na novela O outro lado do paraíso, de Walcyr Carrasco, alimentaram discussões nas redes sociais. Por que não Léa Garcia e as citadas Ruth de Souza e Zezé Motta no lugar de Fernanda?

No cinema, a escalação de atrizes e de atores também é deficitária. Ainda que, quando acontece, os prêmios chegam. Como no último Festival de Brasília, de artistas como Valdinéia Soriano como Melhor Atriz pelo filme Café com canela, e de Alexandre

de Sena como Melhor Ator Coadjuvante por O nó do diabo. O mesmo festival que, aliás, ferveu com as discussões inflamadas sobre o filme Vazante, produção de uma história de época com escravos, dirigida por Daniela Thomas, uma mulher branca, em que Jai Baptista foi premiada como Melhor Atriz Coadjuvante. A questão negra é pulsante, não há mais tempo para reivindicação, mas de exigência de direito. O lançamento dos três filmes citados e de outras produções anunciadas é o momento propício para entendermos como o cinema brasileiro atual trata essa questão.

Zezé Motta – arte e representatividade

Roger Deff

Rapper e jornalista

Com 50 anos de carreira, Zezé Motta é cantora e uma das grandes atrizes brasileiras com uma longa história que passa pelo teatro, televisão e cinema, incluindo trabalhos como na peça Roda Viva, de Chico Buarque, filmes como Xica da Silva, e Orfeu e, na TV, alguns destaques como Memorial de Maria Moura e Chiquinha Gonzaga. De voz potente e marcante carreira como cantora, conta com 13 registros fonográficos e equilibra as duas paixões artísticas – atriz e cantora, além de manter sua militância pelos Direitos Humanos. Décadas depois do início da sua trajetória, Zezé Motta ainda é um dos poucos rostos de mulheres negras na TV

brasileira. Durante sua participação no FAN 2017, cujo tema foi justamente a Mulher Negra, a atriz e cantora falou em entrevista sobre os avanços e desafios para atores negros no Brasil

Ao falar de música, Zezé Motta diz deixar nítida sua paixão pela música brasileira da qual tem como referências Elizete Cardoso e Angela Maria. “As pessoas me perguntam se prefiro representar ou cantar e eu digo que fico em estado de graça quando estou cantando e também quando estou representando, mas, se alguém me fizesse escolher, eu ficaria com a música, mas é muito difícil. Toda vez que digo que este ano eu vou só cantar, acontece

alguma coisa. Agora mesmo vou viver um papel muito importante na novela “O Outro Lado do paraíso” e o meu núcleo vai ser em um quilombo, e estou muito feliz por ter sido convidada pelo Walcyr Carrasco. Estou entusiasmada em poder falar de quilombos no horário nobre de uma emissora de grande audiência. Li a sinopse e percebi que se trata de uma denúncia, porque se formos perguntar o que falta nos quilombos a resposta é que falta quase tudo na maioria deles. Faltam médico, professor, escola próxima, saneamento básico, então é muito importante essa denúncia para que os quilombolas deixem de ser marginalizados”, enfatiza.



Foto: Pablo Bernardo

Equipe Casarão das Artes

Exposição EX ÁFRICA

A maior e mais importante exposição de arte africana contemporânea realizada no Brasil, num momento em que a herança africana volta a estar em evidência, apresenta 18 artistas da geração jovem e intermediária, pouco conhecidos no Brasil, vindos de 8 países africanos, que despertam grande atenção internacional. A eles se juntam dois artistas afro-brasileiros, Arjan Martins e Dalton Paula, que montaram uma exposição no Brazilian Quarter de Lagos (Nigéria), bairro construído lá, por antigos escravos retornados à África. A exposição tem entrada gratuita e pode ser vista até o dia 30 de dezembro, no Centro Cultural Banco do Brasil, localizado na Praça da Liberdade em Belo Horizonte.



Foto: Arjan Martins



Foto: Athos Souza

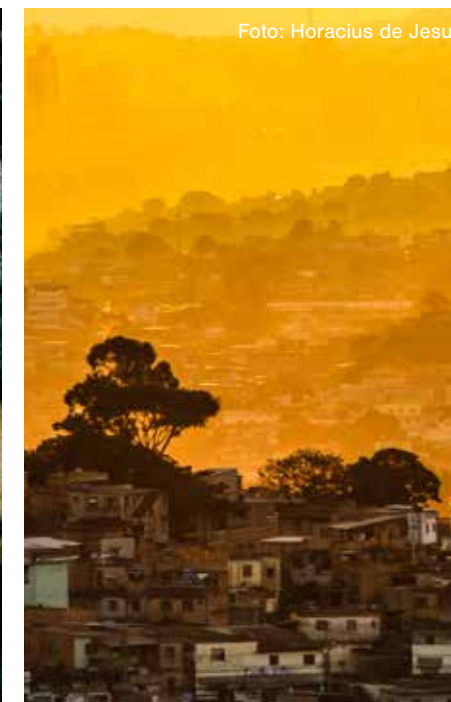


Foto: Horacius de Jesus

Diversidade Periférica

O projeto “Diversidade Periférica” é uma parceria entre artistas, produtores e grupos culturais do Aglomerado da Serra com o Memorial Minas Gerais Vale que recebe até janeiro de 2018 apresentações de artistas e grupos culturais atuantes no Aglomerado da Serra, a partir da colaboração feita pela equipe curatorial constituída pelos artistas envolvidos, e pelo Memorial. A ideia é dar visibilidade a diversidade de iniciativas, manifestações e práticas artístico-culturais existentes na comunidade, contribuindo para a promoção de narrativas sobre as periferias pautadas na potência e na diversidade de sua produção cultural e artística.

Palácio das Artes

Estão abertos, até o dia 22 de dezembro, os Editais de Ocupação de Artes Visuais e Fotografia da Fundação Clóvis Salgado para o ano de 2018. O resultado dos projetos selecionados será divulgado no dia 23 de janeiro. Ao todo, serão selecionados cinco projetos. Destes, três ocuparão as galerias do Palácio das Artes: Genesco Murta, Arlinda Córrea Lima, Mari’Stella Tristão, e dois ocuparão a Câmara Sete - Casa da Fotografia de Minas Gerais.



Foto: Divulgação FCS

NOTÍCIAS

Martinho da Vila

Conhecido como um dos maiores sambistas deste país, o cantor e compositor Martinho da Vila desembarcará em 9 de março de 2018, no palco do Km de Vantagens Hall, em Belo Horizonte, com o show De Bem Com A Vida. Na Capital Mineira, ele encerrará a turnê do seu mais recente trabalho "De Bem Com a Vida", gravado no primeiro semestre de 2016, ganhador do Grammy Latino de melhor disco de samba. O disco foi produzido por André Midani, executivo e produtor que marcou a história da música projetando grandes nomes da MPB. Durante a apresentação, o público também poderá curtir grandes clássicos do artista.



Foto: Leo Aversa

Sérgio Santos

No dia 13 de dezembro, a Sala Juvenal Dias, do Palácio das Artes, recebe, no Minas Pocket, o compositor, cantor, violonista e arranjador Sérgio Santos, um dos mais importantes compositores de sua geração. Com 8 CDs gravados, tendo o "África" sido eleito o melhor CD de 2002 (Prêmio Rival BR) e "Litoral e Interior" indicado ao Grammy Latino em 2010, já se apresentou em espaços como o Blue Note Tokyo e no Hollywood Bowl, em Los Angeles, dois dos palcos mais importantes do mundo. O artista dividiu o palco com artistas como Dori Caymmi, Edu Lobo, Joyce, Francis Hime, Leila Pinheiro e Lenine. É um dos compositores mais importantes de sua geração. O Minas Pocket é uma iniciativa da Fundação Clóvis Salgado, para integrar diferentes segmentos culturais.



Foto: Divulgação FCS

Mostra Paulo Nazareth

Um dos destaques da programação do Mês da Consciência Negra, em Maceió, Alagoas, fica por conta da Exposição "Malongo", do artista plástico mineiro Paulo Nazareth. Nela estarão expostas esculturas em madeira e pedra sabão, objetos diversos, fotografias, além de contar com a projeção de vídeo e realização de performance. A mostra pode ser vista até 29 de dezembro, das 9 às 17h, sempre de terça-feira a domingo, na Superintendência do IPHAN em Maceió. Especializado em carrancas, o artista já expôs em países como Índia, Indonésia, França e Estados Unidos.



Foto:
Paulo Nazareth

IPHAN em Maceió:
Rua Sá e Albuquerque, 157, Bairro
Jaraguá, Maceió, Alagoas

 **niari**
COSMÉTICOS

Nutrição e Hidratação
Óleo de coco + Óleo de Argan + D-Pantenol

#AfroLivre

*Livre de parabenos e petrolato



www.niaricosmeticos.com.br



CHICADA SILVA



Alegria de quem veste!

chicadasilva.com.br